

O IMAGINÁRIO ERÓTICO NA POESIA DE GILKA MACHADO: ALGUMAS REFLEXÕES

THE EROTIC IMAGINARY IN GILKA MACHADO'S POETRY: SOME REFLECTIONS

Maria do Socorro Pinheiro¹

Resumo: Pretendemos refletir nesse artigo sobre o imaginário erótico na poesia de Gilka Machado, observando sua forma de constituição. Para tanto, investigamos como o eu poético feminino vive seu erotismo e por meio de que imagens ele se revela. Para esse estudo, nos debruçamos sobre os poemas de temática erótica, cuja simbologia e significação apontam para uma realidade do desejo feminino. Mantemos um diálogo com as ideias de Georges Bataille (2013) e Octavio Paz (1994, 2012) sobre o erotismo e com Gaston Bachelard (1988, 2001) sobre o imaginário, que revelam a importância desse assunto no âmbito social e cultural, e que pode nos ajudar a compreender as relações entre imaginário, poesia e erotismo.

Palavras-chave: Poesia. Imaginário. Erotismo. Gilka Machado.

Abstract: In this article we intend to reflect on the erotic imagery in Gilka Machado's poetry, observing its form of constitution. To do so, we investigate how the female poetic self lives her eroticism and through what images it comes to light. For this study, we focus on poems of erotic themes, whose symbology and meaning point to a reality of female desire. We have a dialogue with the ideas of Georges Bataille (2013) and Octavio Paz (1994, 2002) about eroticism and with Gaston Bachelard (1988, 2001) about the imaginary, which reveal the importance of this subject in the social and cultural spheres, and that can help us understand the relations between imagery, poetry and eroticism.

Key words: Poetry. Imaginary. Eroticism. Gilka Machado.

Introdução:

No início do século XX, uma mulher desafiou a tradição literária escrevendo poesia erótica. A ousadia foi da poetisa carioca Gilka Machado (1893-1980), pertencente a uma família de artistas, moça pobre, sem muita erudição, mas que já trazia desde menina a sensibilidade

¹ Pós-Doutorado em Linguagem e Ensino (POSLE) pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutora em Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professora da Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), campus da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Educação, Linguística e Letras (GPEL), do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia (IFCE). E-mail: socorropinheiro2@hotmail.com

poética e o gosto estético. Aleixei Bueno (2011) reúne em seu livro *Antologia Pornográfica: de Gregório de Matos a Glauco Mattoso*, dezoito nomes da poesia pornográfica em língua portuguesa. Entre eles se encontra o célebre poeta repentista, Francisco Moniz Barreto, bisavô de Gilka Machado, considerado por ela como o maior poeta repentista em língua portuguesa, que publicou em 1864, em Salvador, *O álbum da rapaziada*, assinando com as iniciais invertidas BMF, para despistar perseguições e preconceitos. Além do bisavô, seu pai era poeta, sua mãe atriz de rádio e teatro, portanto sua filiação artística vem desse convívio com a arte, fortemente marcada pela irreverência. Nessa ambiência, não foi espantoso que aos treze anos ela tenha ganhado os três primeiros lugares do concurso de poesias organizado pelo jornal *A Imprensa*. O primeiro lugar com o seu nome e os outros dois sob pseudônimos.

Casou-se em 1910 com o poeta Rodolfo de Melo Machado, com quem teve dois filhos: Heros, bailarina internacionalmente conhecida pelo nome de Eros Volússia e Hélios, falecido em 1976. A história de Gilka está repleta de sacrifícios, de miséria, de luta e de trabalhos domésticos. Vida difícil, de enfrentamentos dos preconceitos, de trabalho para sustentar os filhos, pois ficou em completa pobreza com a viuvez precoce, em 1923. Para sobreviver foi diarista da estação ferroviária Central do Brasil, e também dona de uma casa de pensão, no centro do Rio de Janeiro, dividindo o tempo entre as atividades domésticas e a poesia.

Foi simultaneamente elogiada e criticada pelo tipo de poesia que escreveu. Os ataques a sua produção foram graves, mas não a impediram de escrever uma obra literária de relevância estética, histórica e filosófica. Deixou-nos uma produção literária que destaca o desejo a partir da ótica feminina, sendo, portanto, precursora do erotismo literário feminino no Brasil. Gilka, ao escrever poesia erótica, está numa tradição que remete ao pioneirismo de Safo de Lesbos, nascida provavelmente por volta de 640 a. C, em Mitilene, considerada como primeira poetisa erótica da Antiguidade (ALEXANDRIAN, 1993). No entanto, convém observar que a tradição a que Gilka se filia é de ruptura, de negação da ordem, de inserção de uma nova estética.

Se Florbela Espanca inaugurou, na Literatura Portuguesa, a marginalidade como índice poético do feminino, como escreveu Maria Lúcia Dal Farra (2017, p. 13), em seu artigo *O corpo insepulto de Florbela (apontamentos para a marginalidade feminina)*, na Literatura Brasileira quem inaugurou foi Gilka Machado, com sua poesia do desejo, ficando também na marginalidade, desconhecida do público leitor e afastada dos centros de ensino. A poetisa

carioca sentiu na pele os fortes ataques verbais por ter escrito uma poesia que não atendia aos padrões sociais e culturais da época.

Nosso campo de estudo é a poesia de Gilka Machado, que se sustenta em dois componentes básicos: imaginação e desejo. Ambos estão na esfera do psiquismo humano e atuam como forças criativas no crescimento social e cultural do indivíduo. Importante ver em que nível se opera a relação entre imaginário, poesia e erotismo. Em seguida, analisar como o eu poético feminino vive seu erotismo e que imagens são mais propiciadoras da impetuosidade de Eros. Para entrar nessa área do imaginário erótico, dialogamos com Georges Bataille (2013), Octavio Paz (1994, 2012) e Gaston Bachelard (1988, 2001).

O Projeto Erótico Literário de Gilka Machado

A poesia de Gilka Machado pode ser entendida como um projeto literário que mostra poeticamente o desejo feminino, colocando em sintonia a atuação de Eros e a poesia. Sócrates cita Diotima, sacerdotisa de Mantinéia, em *O Banquete* de Platão (1956), sobre Eros, que não era um deus, mas um ser intermediário entre os deuses e os homens, tendo como missão “a procriação na Beleza, tanto a corporal quanto a espiritual” (ROCHA, 2011, p. 88). Seria aquele que impulsiona a criatividade, a fantasia, elementos que também motivam a criação poética (cf. PINHEIRO, 2018). Eros e poesia se abraçam e seguem o mesmo roteiro ditado pela imaginação. A relação entre essa tríade (Eros, poesia e imaginação) resulta num fazer poético, pois de acordo com Paz (1994, p. 12) “a poesia erotiza a linguagem e o mundo porque ela própria, em seu modo de operação, já é erotismo”.

Ao elaborar seu projeto literário constituído majoritariamente de temática erótica, Gilka entra em choque com a sociedade conservadora da época, sofre preconceitos e vive na marginalidade. Mesmo tendo escrito nove livros de poesia, conferindo-lhe o pioneirismo na poesia erótica brasileira, ter sido convidada para fazer parte da Academia Brasileira de Letras, por Jorge Amado em 1977, e ainda considerada a maior poetisa brasileira pela revista *O malho*, nenhum desses expedientes foram suficientes para impedir que ela fosse deixada à margem. Vivendo numa sociedade marcadamente patriarcal, que fazia o favor de silenciar qualquer tipo de voz que se levantasse contra os preceitos sociais da época, a poesia de Gilka também ressoou como um sinal de ataque, ficando, portanto, durante algum tempo obliterada da história. Fica

claro para nós ainda hoje, apesar dos evidentes estudos sobre esse viés temático, as fortes tensões e os diferentes olhares provocadores de discussões que o erotismo suscita.

Enveredar pela literatura erótica sem ser rotulado de obsceno, de pornográfico, de imoral, não é algo fácil. Alguns desses rótulos foram dados à Gilka Machado, acusada tantas vezes de *matrona imoral*. Foram acusações inflamadas que não correspondiam ao teor de seus versos, que nada de imoral havia. A implicância era por ser uma mulher que escrevia sobre o desejo, por ser uma mulher que mexia com o imaginário de homens e de mulheres, usando abertamente em seus versos as palavras gozo, cio, beijo, boca, língua, corpo, tara, carne, mordida, volúpia.

Gilka ampliou o repertório da literatura erótica não porque necessariamente usasse palavras específicas desse universo, mas porque lhes deu novas significações e associações. As palavras se despem de seu estado comum para entrar no campo das metáforas. Foi nesse universo que Gilka adentrou não para se servir das palavras, correndo o risco de mutilá-las, mas para ser serva delas. Técnica que Paz (2012, p. 55) discute em seus estudos quando reconhece que o poeta ao servir as palavras, devolve a elas sua plena natureza, recuperando seu ser.

Encontramos na poesia de Gilka Machado uma linguagem que traz cifras e códigos, tomada por um experimentalismo linguístico, que preanuncia a chegada de outras vozes que logo mais serão ouvidas, porque Eros quer ser visto e sentido em sua completude. Ela inaugura na sociedade brasileira o pulsar do corpo em pleno processo desejante no início do século XX (Cf. PINHEIRO, 2019). Projeto audacioso, que lhe custou um preço altíssimo, no entanto operado numa linha transcendental, como se quisesse se redimir um pouco por ter cantado o desejo.

Na verdade, o que Gilka fez com sua poesia foi liberar as mulheres de seus aprisionamentos, dando-lhes visibilidade e audibilidade, uma vez que eram vistas apenas como um “corpo disciplinado” (XAVIER, 2007), propício ao sexo para reprodução da espécie, sufocando todo e qualquer sensação libidinosa, porque a elas não era permitido sentir desejo. Uma realidade opressora que comprometeu demasiadamente a liberdade feminina. Com efeito, numa explosão de lascívia, suas palavras de desejo se lançam ao infinito e repousam no amado, demonstrando assim sua impetuosidade, vivenciada no imaginário.

Escreveu Carlos Drummond de Andrade em 1980, no *Jornal do Brasil*, por ocasião da morte de Gilka:

O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões

As mulheres que gozam hoje de plena liberdade literária para cantar as expansões do instinto e as propriedades eróticas do corpo deviam ser gratas a essa antecessora, viúva pobre que ganhava a vida com esforço e gostava de estar ‘toda nua, completamente exposta à volúpia do vento’.

Ela constrói uma poesia cuja importância encontra-se no uso de uma temática que durante muito tempo foi pivô de opressão e que depois se torna a condição da liberdade do sujeito feminino, possibilitando que outras mulheres expressem as volúpias do corpo. Com sua escrita provocadora, desde seu primeiro livro *Cristais partidos*, em 1915, Gilka já no título sugere ao leitor imagens de rompimento, pois os cristais se partem e rompem com os ditames sociais daquele momento. Ao folhear as primeiras páginas, vemos no poema *Ânsia de Azul*, dedicado a Francisca Julia da Silva, poetisa parnasiana, manifestar veementemente “desejos de cantar, de vibrar, de gozar!...” (MACHADO, 1991. p. 25)². A alma encarcerada anseia liberdade, quer tornar-se outra e sonha:

Toma-me a sensação de fugir de mim mesma,
de meu ser tornar noutro,
e sair, a correr, qual desenfreado potro,
por estes campos
escampos. (p. 26)

A partir desse primeiro livro, Gilka traça seu plano literário: poemas que ora estão numa estética tradicional, ora vanguardista, mostram o desejo feminino vivenciado no corpo e na alma, na presença do amado e na ausência dele. Seu desejo maior não é de realização, mas de perenização (PINHEIRO, 2019). Então idealiza seu amado no vento, na água, na natureza, em tudo que possa simbolizar sua volúpia. Nesse universo do imaginário, Gilka expressa poeticamente seus anseios incontidos. Finaliza o livro com um poema intitulado *Invocação ao Sono*, que traz metaforicamente o lânguido amante em forma de sono, “Eis-me, lânguida e nua, para a volúpia tua” (p. 108).

² Todas as citações dos poemas de Gilka Machado foram extraídas do livro *Poesias Completas* / Gilka Machado. Nova edição. Rio de Janeiro: Léo Chistiano Editorial: FUNARJ, 1991. Faz-se necessário a partir de agora citar apenas a página.

Seu outro livro *Estados de alma* (1917) inicia-se com um soneto que descreve a necessidade de dizer o que sente. Sua voz precisa ser ouvida. Seu desejo percebido na simplicidade da nudez do corpo, que se abre para viver os instintos da carne. Sua alma tem anseios de liberdade, de gozo, de vida. Vejamos a seguinte estrofe do soneto *Possa eu, da frase nos agrestes sons*:

Quero me ver no verso, intimamente,
em sensações de gozo ou de pesar,
pois, ocultar aquilo que se sente,
é o próprio sentimento condenar. (p. 111)

As sensações de gozo se eternizam no verso, na palavra pronunciada, na frase que expressa suas paixões. O desejo do eu poético feminino é viver desejando o amado. Suas aspirações levam-no ao devaneio, a querer ser ave para experimentar os voos “quem me dera ter asas, / para acima pairar das coisas rasas, / das podridões terrenas” (p. 26), a ser palavra “para desfalecer dentro de tua voz” (p. 296), a ser o intenso frio “desta hora em que te penso”, a distender uma serpente “que carrego enroscada no meu ser” (p. 239). Nesses devaneios, o eu poético expõe suas sensações em forma de imagens “todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (BACHELARD, 1988, p. 06).

Um novo retrato de mulher está presente na poesia de Gilka, a partir da potencialidade erótica anunciada “em sensações de gozo”. Seu erotismo visa a mudanças sociais e aponta para outros comportamentos. A construção de um eu poético consciente de sua condição de sujeito, que pode revelar seus sentimentos mais íntimos, põe em ação um plano de desconstrução das imposições sociais. Ao se perceber, o eu poético segue seus sentidos, priorizando os sentimentos, as voluptuosidades, as sensações, que durante séculos de repressão se mantiveram em estado de cerceamento. O erotismo aguça a liberação do corpo feminino já tão fatigado de estereótipos. Vejamos o terceto do *soneto VIII*, que compõe a seção *Noturnos* do livro *Cristais Partidos*:

Sinto pelos no vento... É a Volúpia que passa,
flexuosa, a se roçar por sobre as cousas todas,
como uma gata errando em seu eterno cio. (p. 83).

A palavra volúpia grafada com maiúscula enfatiza o lugar dado ao desejo na poesia, trazendo “à temática erótica uma forte densidade literária” (SOARES, 1999, p. 35). Volúpia flexuosa, que roça, que se esfrega sobre “as cousas todas”, provocando anseios no eu poético que sente “pelos no vento”. O vento conduz essa volúpia errante, associada a uma gata no cio. Há duas imagens poéticas que nos anunciam o desejo sendo transportado pelos sentidos, como o trecho: “sinto pelos no vento”, e sem prefigurar seu fim, “como uma gata errando em seu eterno cio”. É perceptível a fusão entre o fazer poético e o erótico, vista por Soares (1999) como identificação entre o erótico e o literário, afirmando através de “uma reflexão metapoética, que o fazer literário é uma experiência erotizada” (SOARES, 1999, p. 38).

A realidade erótica não se encontra apenas no corpo, tanto em *Estado de alma* (1917) como em *Sublimação* (1938) reserva-se um lugar para a alma. O que seu corpo sente é experimentado na alma. Uma realidade subjetiva elevada em sonhos, capaz de sentir a voz do amado em murmurantes ecos, que se alargam pelos seus ouvidos. Seu desejo tem voz, cheiro, cor, perfume. Chega no vento, reside nas árvores, no luar, no mar, no céu, na noite. Esses elementos desencadeiam sensações de gozo, de entrega, de absorção, “sinto-lhe o hálito brando, / sinto-a como um vampiro / formidando, todo meu ser sugando...” (p. 161).

Essa ambiência erótica que permeia a poesia de Gilka Machado agrega o corpo e a alma. Desejo que se eterniza não porque se realizou, mas porque ainda permanece a falta, ainda perdura a busca, “corro a ti (e o meu ser é um chamamento, um brado...)” (p. 160). Sua poesia faz corpo e alma se entregarem ao bailado de Eros, para absorver o ser um do outro. A volúpia é de natureza corporal e etérea, pois se presentifica no pensar, “penso-te e, logo, me arrepio” (p. 212). Esse componente místico integrante de sua poética torna-se elemento formador do desejo feminino.

Com essa poesia, Gilka instaura uma nova consciência do sujeito desejante. O eu poético feminino erotiza não especificamente o corpo nu ou uma parte dele, mas todo o ser, “sentir-te e penetrar-te; / em toda hora, em toda parte, / gozar teu ser” (p. 159). De acordo com Muraro (1983, p. 328) “o desejo da mulher é diferente do desejo do homem. Ela deseja erotizar uma relação que leve em conta corpo e psiquismo como zonas erógenas e o homem, em geral, tende a parar na sexualidade física”. A poesia erótica de Gilka Machado nos chama atenção para seu projeto de construção das identidades movida por um processo de autoconsciência.

Seu projeto literário que tem como base a poesia do desejo feminino se completa em seus outros livros *Mulher Nua* (1922), *Meu Glorioso Pecado* (1928), *Carne e Alma* (1931) e *Meu Rosto* (1947). Cada livro marca a presença do eu poético seguro de seus anseios mais íntimos, evocando um lugar de fala, uma presença viva de seu estado de sujeito desejante. Se a mulher pouco teve voz e vez ao longo da história, ainda mais se agravou quando pretendeu falar de seus desejos, pois não seria ouvida e se caso fosse teria a recriminação como algo certo. Gilka Machado assumiu uma consciência política com sua escrita, sua poesia, seus temas, sua voz libertária, seu corpo e seus sentidos.

Imaginário, poesia e erotismo

A consciência política de Gilka Machado se revela por meio do seu imaginário erótico. Imaginar é algo próprio do ser humano. Não se vive sem inventividade, sem criação, sem imagens. É uma necessidade que revigora a existência e permite a sobrevivência em diferentes formas de vida. A imaginação nos coloca em sintonia com o universo psíquico e cósmico. Ela é uma espécie de companhia que a todo o momento nos serve um banquete diversificado de cores, sons, perfumes e sabores. No imaginário se concentra um conjunto de ações que implica em abertura, realização e novidade. Segundo Bachelard (2001, p. 01), o imaginário é o melhor vocábulo que corresponde à imaginação, por meio dele, “a imaginação é essencialmente aberta, evasiva”. Assim o imaginário cria e agrega imagens que anunciam mais que suas imagens, pois anunciam aspirações.

Gilka Machado é proprietária de um fértil campo imaginativo, por meio do qual é possível formar as mais diferentes imagens. Ou melhor, deformar as imagens, tal como pensa Bachelard (2001, p. 01):

Pretende-se sempre que a imaginação seja a faculdade de formar imagens. Ora, ela é antes a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante.

Essa ação promove um processo crítico e reflexivo capaz de desencadear significativas evoluções ao ser pensante. A imaginação somente existe quando deforma as imagens existentes

e cria outras imagens. A natureza imaginativa requer movimento. Exige mudança. Troca de imagens. Essa tarefa faz a imaginação ser criadora e permite “uma mobilidade espiritual maior, mais viva e mais vivaz”, assegura Bachelard (2001, p. 02). Gilka Machado liberta sua imaginação criadora, envolvendo elementos da natureza, como nos versos: “Há nos ritmos da água / marinha uma poesia, a mais completa, / essa poesia universal da mágoa (p. 190).

Há uma ligação muito estreita entre imaginário e poesia. Ambos extraem seu material de uma mesma fonte e daí nascem as imagens. A poesia de Gilka é uma oferenda de imagens literárias, que revitalizam o ânimo do leitor, enriquecendo não somente seu imaginário, mas também sua linguagem. As palavras ganham vida, “a palavra – a velha palavra – recebe aqui um novo significado” (BACHELARD, 2001, p. 257). Tornam-se experiência humana e satisfazem as necessidades mais urgentes. Elas alimentam nossas crenças e sonhos. Os versos acima trazem o mar como poesia. Nos ritmos da água há a mais completa e universal poesia. O mar é uma imagem literária que renova os sentidos.

Ao estudar a poesia de Gilka Machado nos deparamos com uma sucessão de imagens, que nos fazem entrar em seu imaginário erótico, constituído de elementos aéreos, como “Eu quisera viver em plenos ares / numa elevada trajetória, / numa existência quase incorpórea” (p. 113); elementos ígneos, como nos versos, “Beijo, beijo de amor -ave em cuja asa crespa / o espírito se eleva a paragens etéreas, / ignívoma, nervosa e zumbidora vespa, / que infiltra nas artérias / da volúpia o fervente e orgíaco veneno” (p. 44); aquáticos, como nos versos “Há no rio a tristeza, a cólera e o prazer, / em seu constante curso ele nos manifesta / todas as vibrações vitais do humano ser” (p. 67) e ainda terrestres, como nos versos: “Terra situada além ... Muito além ... Muito além / da obscurecida estrada / de violetas do ocaso, / Terra, suponho, do Supremo Bem” (p. 72). Sua poesia está permeada dos quatro elementos da natureza: água, ar, terra e fogo. Elementos caracterizados por Bachelard (2001, p 12) como os hormônios da imaginação, “eles põem em ação grupos de imagem. Ajudam a assimilação íntima do real disperso em suas formas. Por eles se efetuam as grandes sínteses que dão características um pouco regulares ao imaginário”. É por meio dessas imagens que o eu poético feminino vive seu erotismo.

A poesia nos concede uma viagem pelos sentidos, pelo imaginário, pela “casa dos afetos”. Entramos numa realidade psíquica e nos labirintos da linguagem, nos seduzindo pelas imagens formadas e deformadas, nos fazendo olhar na direção dos sonhos, pois sua poesia se

O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões

concebe num terreno onírico, cujo principal elemento é o desejo, “parece que esse movimento parcial libera em nós um poder de mobilidade que nos era desconhecido e que os sonhos nos revelam” (BACHELARD, 2001, p. 29).

Passamos a mostrar algumas imagens eróticas presentes na vestimenta que o eu poético usa, como na seguinte estrofe do poema *Página Esquecida*:

No vestido que trago
há um macio debrum, debrum de arminho;
este vestido, em qualquer parte,
faz-me sentir-te, faz-me gozar-te
roçando-me a garganta de mansinho,
de um modo quase etéreo, muito vago.
Acham-me todos diversa, estranha,
sempre que este vestido me acompanha.
Assim feito, enfeixando numa boa,
este vestido (devo t’o dizer)
me enlanguesce, me acarinha, me atordoa
e me sufoca de prazer. (p. 215)

O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado tem um caráter dinâmico. O vestido causa sensações de gozo, “faz-me sentir-te, faz-me gozar-te”, levando o leitor aos devaneios. De que tecido seria esse vestido que lhe sufoca de prazer? As sensações de gozo que o eu poético confessa sentir cada vez que usa o vestido mostra a união entre palavra e fantasia, despertando no leitor a criatividade de também explorar seus pensamentos e imagens, pois como observa Bachelard (2001, p. 41) “todas as imagens verdadeiramente poéticas têm cunho de *operação espiritual*”. O elemento espiritual do qual também somos constituídos se encarrega de construir esses devaneios como resultado de nosso equilíbrio psíquico.

Outras imagens eróticas são vistas nos elementos da natureza (água, lua, vento, noite, árvore). Vejamos nas seguintes estrofes a composição do enlace amoroso na Terra:

Faz-se na terra uma nova orgia
onde quer tudo se embebedar...
A Lua as coisas, de cima, espia,
e, ânfora de âmbar, suspensa no ar,
para a noturna, terrestre orgia,
entorna o oleoso licor do luar.

Em requebrados, em bamboleios,
com gestos lentos, languês, sensuais,
mostram as frondes os verdes seios;

O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões

rolam as flores dos laranjais...
E, ébrias, as plantas, em bamboleios,
dançam as danças das bacanais. (p. 95).

O clima é de orgia: bebidas, danças, gestos sensuais. É uma festividade do amor, do encontro entre a terra e o céu, que a lua espia de cima e a ela envia seu licor. A natureza se envolve nessa orgia. Uma imagem muito bonita se forma na segunda estrofe indicando o movimento da natureza, seus requebrados, gestos languês que fazem mostrar os verdes seios das frondes. Uma dança de bacanais as plantas dançam em celebração ao amor. Processo visto como “sacralidade e erotização da natureza”, de acordo com Pinheiro (2019, p. 187).

Outro elemento presente que se torna uma “simbolização do desejo” (Cf. PINHEIRO) é o vento, como nos versos: “E não podes saber do meu gozo violento, / quando me fico, assim, neste ermo, toda nua, / completamente exposta à Volúpia do Vento!” (p. 164). O eu poético imagina o amado no vento e constrói no seu imaginário uma realidade desejante, “uma vida imaginária – a verdadeira vida! – se anima em torno de uma imagem literária pura”, lembra Bachelard (2001, p. 261). Notemos que o vento simboliza o amante e o eu poético a ele expõe seu gozo violento, abrindo-se para outro mundo, habitado pelos sentidos e sensações, tornando-se assim seu mundo real. Afirma ainda Bachelard (1988, p. 13) que “o devaneio poético nos dá o mundo dos mundos”.

O perfume também ganha espaço na poesia de Gilka Machado, que em 1916 fez uma conferência intitulada *A revelação dos perfumes*. Em alguns poemas, o cheiro do amado é sentido em vários elementos da natureza, quando da ausência dele, “A persistência do perfume de uma pessoa, depois da partida dela, evoca uma ideia de duração e de lembrança” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1990, p. 709). Portanto, é no imaginário que se constrói toda essa intimidade entre o eu poético e o amado. Vejamos uma estrofe do poema *Aranhol Verde*, pertencente ao livro *Cristais Partidos*.

Seu perfume é meloso,
tem qualquer coisa que emacia,
qualquer coisa sutil de requintado gozo;
nos meus sentidos de tal forma atua,
que a minha pele (incrível coisa!) fica fria:
como que unto na fragrância sua.
Quando agoniza o Dia,
põem-se os meus sentidos a gozar

O imaginário erótico na poesia de Gilka Machado: algumas reflexões

esse perfume doce e lamuriento,
alvo como luar,
mole como unguento. (p. 40)

O perfume é um dos motivos que impulsiona o “requintado gozo”, pois causa sensações, delícia, arrepios. O elemento noite, também de sugestão erótica, provoca esse estado de gozo, pelo “perfume doce e lamuriento”. Os sentidos captam os perfumes como espécie de estímulos dos devaneios que desabrocham nas torrenciais sensações, “daí que eu possa gozar, ao vosso colo rente, / esse perfume a um tempo excitante e emoliente, / numa dúvida, sensual e suave sensação” (p. 35). O perfume provoca sensações no eu poético, é causa de excitações, pois é um agente que interliga as sensações do corpo à alma e assim as imagens vão se formando. Segundo Chevalier & Gheerbrant (1990, p. 710), “eles (os perfumes) facilitam o aparecimento de imagens e de cenas significativas. Essas imagens, por sua vez, suscitam e orientam as emoções e os desejos”.

Ainda pertencem ao imaginário erótico de Gilka Machado dois elementos que se combinam, o olhar e a voz, interligando-se à poesia num destaque que remete à criatividade, à fantasia, aos sonhos, como nos versos: “O teu olhar / manso, indolente, / dá-me a impressão de uma serpente / pelo meu corpo a se enroscar” (p. 169). Essa relação que Gilka constrói entre o olhar e a serpente traz uma ideia de sedução, pois a serpente tem uma representação libidinosa que povoa de mistério as sensações do eu poético. E na voz do amado encontra-se o lugar do desejo, o momento de prazer. Vejamos um trecho do poema *Fala*:

Ó voz de espiras odorosas,
voz que me ébrias e pões louca!
Ó voz que sais daquela boca
Como o perfume das rosas!
Ó voz coleante que deslizas
e me perpassas pelo ser,
na carícia macia e endérmica das brisas,
num frio e fluídico prazer! (p. 60).

A voz embriaga e tem perfume de rosas, despertando sensações de prazer no eu poético. As evocações “ó voz de espiras odorosas”, “ó voz que sais daquela boca”, “Ó voz coleante”, anunciam a ânsia de um sujeito querente. Voz que acaricia a pele, que desperta o desnudamento do corpo “na carícia macia e endérmica das brisas”. O eu poético vivencia sensações de gozo nesses vários expedientes eróticos construídos no imaginário, como via de

acesso para o seu próprio mundo interior, porque imaginar é ir além do próprio pensamento; é se manter num processo de comunicação entre o real e o imaginado, no qual se concebe definitivamente nossa humanidade. E citando mais uma vez Bachelard (2001, p. 262), “é preciso que a imaginação tome muito para que o pensamento tenha o bastante. É preciso que a vontade imagine muito para realizar o bastante”.

Considerações Finais

A obra de Gilka Machado se realiza na história ora desafiando-a ora confirmando-a. Sua poética é contestadora das verdades construídas pela história, “a verdade não provém da razão, mas da percepção poética, da imaginação” (PAZ, 2012, p. 243). Na poesia de Gilka há uma comunicação que rivaliza com a sociedade, com seus programas fortemente encadeados e controlados. Gilka escolhe a poesia e seu modo de dizer se direciona ao campo dos afetos traduzido por imagens. Segundo Paz (2012, p. 243) “graças à imaginação o homem sacia o seu desejo infinito e se transforma ele mesmo em ser infinito”. Cada poema é uma peça que forma as subjetividades de um eu poético que se transforma em sujeito da história. O eu poético vai tecendo sua consciência, agregando formas, sentimentos, ilusões, desejos, para em seguida traduzi-los como expressão de liberdade.

Seu projeto literário não é somente estético é também político, pois dele emana uma consciência que se abre para a construção das identidades do sujeito feminino. Sua poesia instaura uma nova forma de pensar a vida, de afirmação do sujeito desejante diante de si mesmo e do mundo. Foi um projeto inovador cujo fazer poético ligou-se ao erótico, concebido no imaginário, onde Gilka teceu sensivelmente sua criatividade. Ela apresenta uma poesia que tende para uma promessa de liberdade do sujeito feminino. Sua poesia nos diz algo sobre o que o eu poético sente, deseja e espera. Segundo Paz (2012, p. 113) “o poeta afirma que as suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, embora pareça um disparate, nos revela o que somos de verdade”. O que verdadeiramente o eu poético solicita é a sua liberdade de sentir.

Na poesia de Gilka Machado há várias palavras que formam uma teia discursiva constituinte do seu imaginário erótico. São muitos os poemas que trazem repetidas vezes as palavras rio, ondas, mar, vento, noite, lua, manhãs, natureza, perfumes, cores, olhos, mãos,

boca, língua, beijos, cabelo, corpo, espírito, entre outras. Essas palavras fazem parte do seu repertório poético, reunindo vários sentidos, pois cada uma delas permite a construção de uma pluralidade de significados.

As imagens poéticas que se formam no universo psíquico afirmam a relação entre imaginário, poesia e erotismo e ainda aguçam o imaginário do leitor, conduzindo-o para uma movente e comovente realidade interior. Essa experiência criadora de Gilka também opera no leitor um demasiado desejo de busca pela liberdade, de esperança, de acontecimento eternizado exclusivamente pela linguagem, possuidora de uma ancestralidade que define o modo de ser humano. Essa definição se concretiza na expressão poética, já que a poesia nos habita, nos inquieta e nos transforma, fazendo de nós seres de comunicação e de desejo, levando-nos naturalmente ao porvir.

Referências

ALEXANDRIAN. **História da literatura erótica**. Tradução de Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Gilka, a antecessora**. *Jornal do Brasil*, 18 de dezembro de 1980, p.7. Fonte: Biblioteca Nacional Digital / Hemeroteca Digital.

BACHELARD, Gaston. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A poética do devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

BUENO, Aleixei. **Antologia Pornográfica: de Gregório de Matos a Glauco Mattoso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CHEVALIER, Jean;GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Tradução, Vera da Costa e Silva... [et al.] 2. ed. (1ª. reimpressão). Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

FARRA, Maria Lúcia Dal. O corpo insepulto de Florbela (apontamentos para a marginalidade feminina) In: **Marginalidades femininas: a mulher na literatura e na cultura brasileira e**

portuguesa. Luciene Marie Pavanelo, Maria Cristina Pais Simon, Osmar Pereira Oliva, Paulo Motta Oliveira (Orgs.). – Montes Claros: Unimontes, 2017.

MACHADO, Gilka. **Poesias Completas.** Rio de Janeiro: Leo Christiano Editorial: FUNARJ, 1991.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira.** Petrópolis: Vozes, 1983.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira.** Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

_____. **A dupla chama.** Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **O erotismo metafísico na poesia de Gilka Machado: símbolos do desejo.** Fortaleza: EdUECE, 2019.

ROCHA, Zeferino. **O desejo na Grécia Antiga.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira.** Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

XAVIER, Elódia. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

Artigo recebido em: 16.04.2019

Artigo aceito para publicar em: 20.06.2019